

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Maze Runner – Prequel 1: The Kill Order*

Autor: *James Dashner*

Copyright © 2012 by James Dashner

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Marta Mendonça*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2015

Depósito legal n.º 397 809/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRÓLOGO

Teresa olhou para o seu melhor amigo e interrogou-se como seria esquecê-lo.

Parecia-lhe impossível, embora já tivesse visto o Apagão implantado em dezenas de rapazes antes de Thomas. De cabelo castanho claro, olhar penetrante e um ar contemplativo permanente — como é que esse rapaz poderia alguma vez ser-lhe desconhecido? Como poderiam estar juntos na mesma divisão sem dizerem uma piada por causa de um odor qualquer ou gozarem com um molengão ignorante qualquer que estivesse por perto? Como é que alguma vez conseguiria estar diante dele sem aproveitar para comunicar telepaticamente com ele?

Impossível.

E, contudo, já só faltava um dia.

Para ela. Para Thomas era apenas uma questão de minutos. Estava deitado em cima da mesa operatória, com os olhos fechados, o peito a subir e a descer numa respiração calma e regular. Já vestido com o fardamento obrigatório da Clareira, calções e *T-shirt*, parecia um retrato do passado — um rapaz normal a fazer uma sesta normal no final de um longo dia de escola normal, antes de os Fulgores do Sol e da doença terem transformado o mundo num sítio que era tudo *menos* normal. Antes de a morte e a destruição terem conduzido ao roubo de crianças — e das respetivas recordações — e de as terem enviado para o lugar pavoroso que era o Labirinto. Antes de os cérebros humanos serem

conhecidos como unidades de eliminação e necessitarem de ser vigiados e estudados. Tudo em nome da Ciência e da Medicina.

Um médico e uma enfermeira tinham estado a preparar Thomas e agora colocavam-lhe a máscara sobre o rosto. Ouviam-se cliques, silvos e bipes; Teresa observava enquanto metal, fios e tubos de plástico deslizavam sobre a pele dele e entravam nos canais dos ouvidos de Thomas, viu as mãos dele, pousadas de lado, contorcerem-se num gesto reflexo. Devia estar a sentir dor a algum nível, não obstante a medicação, mas jamais a recordaria. A máquina iniciou o seu trabalho, erradicando imagens da memória de Thomas. Apagando a mãe e o pai da vida dele. Apagando-a a *ela*.

Por um lado, ela sabia que devia sentir-se zangada. Devia gritar, barafustar e recusar-se a colaborar um segundo mais que fosse. Mas por outro lado sentia-se tão firme como a pedra dos penhascos lá fora. Sim, esse seu lado estava impregnado de uma certeza tão profunda que ela sabia que ainda a sentiria dali a dois dias, quando o mesmo lhe fosse feito a ela. Teresa e Thomas estavam a provar a sua convicção sujeitando-se ao mesmo que havia sido exigido a outros. E se morressem, morriam. A CRUEL iria descobrir a cura, milhões de pessoas seriam salvas e a vida na Terra iria, de alguma maneira, voltar ao normal. Teresa sabia-o no seu íntimo, com a mesma certeza com que sabia que os humanos envelheciam e que as folhas caíam das árvores no outono.

Thomas inspirou com dificuldade, depois deu um pequeno gemido e mexeu o corpo. Teresa pensou, por um aterrador segundo, que ele ia acordar, em pânico por causa das dores — havia coisas dentro da cabeça dele a fazerem-lhe sabe-se lá o quê ao cérebro. Mas o rapaz acalmou e retomou a respiração calma e sem dificuldades. Os cliques e os silvos continuaram, as recordações do melhor amigo dela a dissiparem-se como ecos.

Tinham feito as despedidas oficiais e as palavras «Até amanhã» ainda soavam na cabeça de Teresa. Por algum motivo afetara-a imenso quando Thomas o dissera, conferindo ainda mais realismo e tristeza ao que ele estava prestes a fazer. *Iriam* ver-se no dia seguinte, embora ela estivesse em estado de coma e ele não fizesse a mais pequena ideia de quem ela era — exceto

a ligeira impressão na mente dele de que ela talvez lhe parecia algo familiar. No dia seguinte. Depois de tudo por que tinham passado — o medo, o treino e o planeamento — estavam prestes a chegar ao ponto crítico. O que tinha sido feito a Alby, a Newt, a Minho e aos outros ser-lhes-ia feito a eles também. Não havia como voltar atrás.

Mas a quietude funcionava como uma droga dentro de Teresa. Ela sentia-se em paz, essas sensações calmantes servindo para afastar o terror de coisas como Magoadores e Crankos. A CRUEL não tinha alternativa. Ela e Thomas — *eles* não tinham alternativa. Como é que ela podia recusar sacrificar alguns por forma a salvar a maioria? *Quem* é que se recusaria a fazer uma coisa dessas? Não havia tempo para compaixão, tristeza ou desejos. As coisas eram mesmo assim; o que estava feito, feito estava; o que tinha de ser... tinha muita força.

Não havia como voltar atrás. Ela e Thomas haviam ajudado a construir o Labirinto; simultaneamente, ela despendera um esforço tremendo na construção de um muro para conter as suas emoções.

Os pensamentos dela dissiparam-se então, parecendo flutuar em animação suspensa, enquanto esperava que a operação a Thomas terminasse. Quando por fim acabou, o médico premiu vários botões no monitor e os bipes, os silvos e os cliques aceleraram. O corpo de Thomas contorceu-se ligeiramente enquanto os tubos e os fios se recolheram das posições intrusivas em que se encontravam e retornavam à máscara dele. O rapaz ficou novamente imóvel e a máscara desligou-se, pondo fim a todos os sons e movimento. A enfermeira inclinou-se para a frente e retirou-a do rosto de Thomas. A pele dele estava vermelha e cheia de marcas no sítio onde a máscara tinha estado. Os olhos continuavam fechados.

Por uns breves instantes, o muro que continha a tristeza de Teresa começou a desmoronar-se. Se Thomas acordasse nesse instante, já não iria lembrar-se dela. Sentiu o pavor — o quase pânico — de saber que em breve iriam encontrar-se na Clareira e não se reconheceriam um ao outro. Era um pensamento aterrador que a recordou vivamente do motivo por que havia construído o

dito muro. Qual pedreiro que crava um tijolo na argamassa que endurece, ela selou a brecha. Selou-a de forma sólida e compacta.

Não havia como voltar atrás.

Dois homens da equipa de segurança entraram para ajudar a deslocar Thomas. Ergueram-no da cama, levantando-o no ar como se estivesse recheado de palha. Um dos homens segurou o rapaz inconsciente pelos braços e o outro pelos pés, e depois pousaram-no em cima de uma maca. Sem sequer olharem para Teresa, dirigiram-se para a porta da sala de operações. Toda a gente sabia para onde é que ele estava a ser levado. O médico e a enfermeira começaram a limpar tudo — o trabalho deles estava feito. Teresa acenou-lhes com a cabeça apesar de eles nem sequer estarem a olhar para ela e depois seguiu os homens até ao corredor.

Mal conseguia olhar para Thomas enquanto faziam o longo percurso pelos corredores e nos elevadores da sede da CRUEL. O muro dela estava novamente enfraquecido. Thomas estava tão pálido e tinha o rosto coberto de gotículas de transpiração. Como se estivesse consciente a algum nível, a lutar contra a medicação, ciente de que coisas terríveis o aguardavam no horizonte. Ela sentiu um aperto no coração ao ver isso. E assustava-a saber que seria a próxima. Esse seu muro estúpido. O que é que interessava? Ser-lhe-ia tirado também, juntamente com todas as recordações.

Alcançaram o piso imediatamente por baixo da estrutura do Labirinto, transpuseram o armazém com as filas e as prateleiras de mantimentos para os Clareirenses. Ali em baixo estava escuro e fazia frio, e Teresa sentiu os braços a ficarem arrefriados. Estremeceu e esfregou-os com força. Thomas balançou e deu um pequeno salto em cima da maca, quando as rodas passaram por cima de rachas no chão de cimento, uma expressão de pavor ainda a tentar transparecer na máscara de tranquilidade do rosto adormecido.

Chegaram ao poço do elevador, com o enorme cubo de metal parado.

A Caixa.

Situava-se somente dois pisos abaixo da Clareira, mas os habitantes da Clareira eram manipulados de forma a pensarem

que a subida era uma viagem impossivelmente longa e árdua. A ideia era estimular uma série de emoções e de padrões cerebrais, desde a confusão à desorientação e ao terror puro. Um começo perfeito para os que iriam traçar os mapas da unidade de eliminação de Thomas. Teresa sabia que ela própria faria essa viagem no dia seguinte, com um recado guardado na mão. Mas pelo menos estaria em estado de coma, poupada a essa meia hora de movimento na escuridão. Thomas iria acordar na Caixa, completamente sozinho.

Os dois homens pararam a maca de Thomas junto à Caixa. Ouvia-se o som horrível do metal a raspar no cimento quando um deles arrastou um enorme escadote até à parte lateral do cubo. Seguiram-se uns minutos de atrapalhão enquanto ambos subiam os degraus carregando Thomas. Teresa podia tê-los ajudado, mas recusou-se a fazê-lo, deixando-se ficar teimosamente a observar, tentando reparar as fendas do seu muro o melhor que podia.

Por entre resmungos e palavrões, os dois homens alcançaram a parte superior com Thomas. O corpo dele estava posicionado de tal maneira que os olhos fechados ficaram virados para Teresa uma última vez. Apesar de saber que ele não a ouviria, ela falou dentro da cabeça dele.

Estamos a fazer o mais acertado, Thomas. Encontramo-nos do outro lado.

Os homens debruçaram-se e baixaram Thomas pelos braços o máximo que conseguiram; depois deixaram-no cair o resto da altura que faltava. Teresa ouviu o barulho do corpo dele a embater no metal frio do piso da Caixa. O seu melhor amigo.

Deu meia volta e foi-se embora. Atrás dela ouviu-se o som distinto de metal a roçar em metal, seguido de um enorme estampido quando as portas da Caixa se fecharam. Selando o destino de Thomas, fosse ele qual fosse.

Treze anos antes

CAPÍTULO UM

Mark tremeu de frio, algo que não acontecia há bastante tempo.

Tinha acabado de acordar e os primeiros sinais do raiar do dia entravam por entre as frechas dos toros empilhados que compunham a parede da sua pequena cabana. Raramente se servia da manta. Tinha imenso orgulho nela — era feita com a pele de um alce gigante que ele próprio tinha matado dois meses antes —, mas quando a usava era pelo conforto da manta em si e não pelo calor. Afinal de contas, viviam num mundo devastado pelo calor. Mas talvez isso fosse um sinal de mudança; sentia efetivamente um certo frio no ar matinal que entrava pelas mesmas frechas que a luz. Puxou a manta felpuda até ao queixo e virou-se de barriga para cima, ao mesmo tempo que dava um enorme bocejo.

Alec continuava a dormir na cama de beliche do outro lado da cabana — a cerca de metro e meio de distância —, e ressonava alto e em bom som. O homem mais velho era grosseiro, um antigo soldado experiente que raramente sorria. E quando o fazia, regra geral estava relacionado com problemas de gases no estômago. Mas Alec tinha um coração de ouro. Após cerca de um ano juntos, a lutar pela sobrevivência ao lado de Lana, de Trina e dos outros, Mark já não se sentia intimidado pelo velho brutamontes. Como que para o provar, baixou-se e apanhou um sapato do chão, depois atirou-o ao homem. Acertou-lhe no ombro.

Alec deu um berro e sentou-se na cama, os vários anos de treino militar fazendo-o acordar de imediato.

— Mas o que... — gritou o soldado, contudo Mark interrompeu-o atirando-lhe o outro sapato, dessa vez acertando-lhe em cheio no peito.

— Ó meu sacaninha — disse Alec, com frieza. Não se tinha encolhido nem mexido após a segunda investida, limitando-se a olhar para Mark de cima a baixo com os olhos semicerrados. Porém, percebia-se um brilho divertido neles. — É bom que tenhas um bom motivo para arriscares a tua vida a acordar-me desta maneira.

— Hum... — respondeu Mark, esfregando o queixo como se estivesse a pensar no assunto. Então, estalou os dedos. — Ah, já sei: estava a tentar parar esse barulho infernal que você faz. A sério, meu, tem de dormir de lado ou algo assim. De certeza que ressonar dessa maneira não deve ser saudável. Um dia destes ainda se engasga sozinho.

Alec resmungou e protestou umas vezes, murmurando palavras impercetíveis ao mesmo tempo que se levantava do beliche e se vestia. Ouviram-se coisas como «quem me dera nunca» e «antes tivesse» e «um ano dos diabos», mas Mark não conseguiu apanhar mais nada. A ideia era óbvia, contudo.

— Então, sargento — disse-lhe Mark, ciente de que estava a escassos segundos de pisar o risco. Alec havia-se reformado do Exército há muito e detestava *profundamente* que Mark o tratasse dessa maneira. Quando se deram os fulgores do Sol, Alec estava a fazer um serviço para o Ministério da Defesa. — Jamais teria chegado a esta bela residência se nós não o tivéssemos safado diariamente de todo o tipo de sarilhos. Que tal um abraço para fazermos as pazes?

Alec vestiu a camisa por cima da cabeça e depois baixou o olhar para Mark. As sobranceiras grisalhas fartas do homem mais velho uniram-se como se fossem insetos peludos a tentarem acasalar.

— Até gosto de ti, miúdo. Seria uma pena ter de te mandar para a terra dos pés juntos. — Deu uma palmada na parte lateral da cabeça de Mark, o mais parecido com um gesto afetuosos que um soldado era capaz de manifestar.

Soldado. Podia ter sido há muito tempo, mas Mark gostava de olhar para o homem dessa maneira. Fazia-o sentir-se melhor — mais seguro —, por alguma razão. Sorriu, enquanto Alec saía a passos largos da cabana para dar início a mais um dia. Um sorriso verdadeiro. Algo que começava finalmente a tornar-se mais comum depois do ano de morte e de terror que os tinha perseguido até esse lugar, no cimo dos Apalaches na região ocidental da Carolina do Norte. Decidiu que, independentemente do que acontecesse, afastaria as recordações más do passado e teria um dia agradável. Independentemente do que acontecesse.

O que significava que era melhor ir buscar Trina no espaço de dez minutos. Vestiu-se rapidamente e saiu à procura dela.

Foi dar com ela junto ao ribeiro, num dos sítios sossegados para onde ela costumava ir ler alguns dos livros que haviam resgatado de uma biblioteca antiga que tinham encontrado durante as viagens. A rapariga adorava ler como ninguém e andava a tentar compensar os meses que tinham passado literalmente a correr, quando não havia praticamente livros nenhuns. Os digitais tinham desaparecido há muito, tanto quanto Mark sabia — tinham sido apagados quando os computadores e os servidores estouraram. Trina lia em papel, à moda antiga.

O passeio até chegar a ela tinha sido o «abre olhos» do costume, cada passo enfraquecendo a sua determinação de ter um dia agradável. Olhar para a rede miserável de casas nas árvores, para as cabanas e as tocas subterrâneas que compunham a metrópole em franca expansão onde eles moravam — uma amálgama de troncos, trepadeiras e lama seca, tudo inclinado para a esquerda ou para a direita —, dava sempre conta do recado. Ele não conseguia passear pelas ruas e becos cheios de gente do acampamento deles sem que isso o recordasse dos bons velhos tempos em que morava na grande cidade, quando a vida era abundante e cheia de promessas, com tudo no mundo ao seu alcance, pronto para ser conquistado. E ele nem sequer se apercebera disso.

Passou por multidões de pessoas escanzeladas e sujas que pareciam à beira da morte. Mais do que sentir pena delas, detestava o facto de saber que tinha exatamente o mesmo aspeto. Havia

comida suficiente — resgatada das ruínas, caçada no bosque, trazida de Asheville às vezes —, mas racionar era a palavra de ordem e toda a gente parecia andar a comer menos do que devia. Além de que era impossível viver na floresta sem ficar sujo aqui e ali, por muitos banhos que se tomassem no ribeiro.

O céu estava azul e exibia esse tom laranja chamuscado que assombrava a atmosfera desde que os devastadores fulgores do Sol haviam atingido a Terra sem aviso prévio. Já tinha passado mais de um ano e no entanto continuava a pairar no céu qual cortina enevoada, com o intuito de não os deixar esquecer. Ninguém sabia se as coisas iriam alguma vez voltar à normalidade. A brisa fresca que Mark sentira ao acordar parecia agora uma anedota — já estava a transpirar por causa da temperatura que aumentava gradualmente à medida que o Sol intenso assomava por cima da esparsa linha de árvores das colinas da montanha lá no alto.

Nem tudo eram más notícias. Quando ele deixou para trás os acampamentos a abarrotar de gente e entrou na floresta, viam-se vários sinais promissores. O aparecimento de árvores novas, a recuperação de árvores antigas, os esquilos que corriam por cima das agulhas de pinheiro queimadas, botões e rebentos por todo o lado. Ele viu inclusivamente algo que parecia ser uma flor cor de laranja, na distância. Sentiu-se tentado a apanhá-la para a oferecer a Trina, mas sabia que ela lhe daria um valente raspanete se se atrevesse a atrasar o progresso da floresta. Talvez o seu dia fosse realmente correr bem. Tinham sobrevivido ao pior desastre natural que se conhecia na história da humanidade — talvez as coisas estivessem a mudar.

Estava a arfar do esforço de subir a montanha quando alcançou o sítio onde Trina adorava refugiar-se. Em especial de manhã, quando as probabilidades de se cruzar com alguém lá no cimo eram escassas. Parou e observou-a de trás de uma árvore, sabendo que ela o ouvira a aproximar-se, mas contente por ela estar a fingir o contrário.

Caramba, era mesmo bonita. Recostada num enorme pedregulho de granito que parecia ter sido posto ali por um decorador gigante, tinha um livro grosso em cima do colo. Virou a página, os olhos verdes a seguirem as palavras. Envergava uma *T-shirt*

preta, um par de calças de ganga coçadas e uns ténis que pareciam ter uns cem anos. O cabelo louro curto abanava ao vento e ela era a imagem da paz e do conforto. Como se pertencesse ao mundo que existia antes de tudo ser chamuscado.

Mark sentira sempre que ela lhe pertencia, por força das circunstâncias. Praticamente todas as pessoas que ela conhecia tinham morrido; ele era o que restava, a alternativa a ficar sozinha para sempre. Mas representava esse papel com gosto, sentindo-se inclusivamente um felizardo — não sabia o que faria sem ela.

— Este livro seria muito melhor se não tivesse um tipo sinistro a vigiar-me enquanto estou a tentar lê-lo. — Trina falara sem o mínimo indício de um sorriso. Virou mais uma página e continuou a ler.

— Sou só eu — disse ele. Metade das coisas que dizia na presença dela soava sempre apalermada. Saiu de trás da árvore.

Ela deu uma risada e ergueu finalmente o olhar para ele:

— Estava a ver que nunca mais chegavas! Estava prestes a começar a falar sozinha; estou a ler desde antes do amanhecer.

Ele aproximou-se e sentou-se no chão ao lado dela. Abraçaram-se, um abraço forte, caloroso e carregado da promessa que ele havia feito a si mesmo ao acordar.

Chegou-se ligeiramente atrás e fitou-a, indiferente ao sorriso palerma que decerto tinha estampado no rosto.

— Sabes o que é que te digo?

— O quê? — perguntou ela.

— Hoje vai ser um dia absolutamente perfeito.

Trina sorriu e as águas do ribeiro continuaram a correr como se as palavras dele não significassem nada.

CAPÍTULO DOIS

— Desde os dezasseis anos que não tenho um dia perfeito — respondeu Trina, ao mesmo tempo que dobrava o canto da página e pousava o livro de lado. — Três dias depois eu e tu estávamos a correr pela vida, num túnel mais quente do que o Sol.

— Belos tempos... — brincou Mark, sentindo-se mais descontraído. Recostou-se no mesmo pedregulho e cruzou as pernas à sua frente. — Belos tempos.

Trina olhou-o de esguelha:

— A minha festa de anos ou os fulgores do Sol?

— Nem uma coisa nem outra. Tu gostavas daquele idiota do John Stidham que estava na tua festa. Lembras-te?

Uma expressão de culpa assomou ao rosto dela:

— Hum, pois. Parece que foi há mais de três mil anos.

— Foi preciso metade do planeta ser dizimado para que finalmente reparasses em mim. — Mark sorriu, mas pareceu-lhe forçado. A verdade era algo deprimente, mesmo para fazer piadas, e uma nuvem negra começava a formar-se por cima da sua cabeça. — É melhor mudarmos de assunto.

— Concordo. — Ela fechou os olhos e encostou a cabeça ao pedregulho. — Não quero pensar nesse assunto durante mais do que um segundo.

Mark acenou com a cabeça, apesar de ela não o ver. De repente tinha perdido toda a vontade de conversar e os seus planos para um dia perfeito foram levados na corrente do ribeiro. As recor-

dações. Não o deixavam em paz, nem por meia hora sequer. Tinham sempre de reaparecer, trazendo com elas todo o terror.

— Estás bem? — perguntou-lhe Trina. Estendeu o braço e agarrou a mão dele, mas Mark afastou-a, sabendo que estava bastante transpirada.

— Sim, estou bem. Quem me dera que conseguíssemos passar um dia inteiro sem que algo nos fizesse recordar. Era perfeitamente capaz de ser feliz aqui, se ao menos pudéssemos *esquecer*. As coisas estão a melhorar. Temos simplesmente de... deixar aquilo para trás! — Quase gritou a última parte da frase, embora não fizesse ideia para onde é que a sua ira estava direcionada. Detestava as coisas que tinha na cabeça. As imagens. Os sons. Os odores.

— E temos de o fazer, Mark. Temos de o fazer. — Ela tornou a estender a mão para ele e dessa vez ele agarrou-a.

— É melhor voltarmos lá para baixo. — Ele fazia sempre isso. Assim que as recordações voltavam, entrava sempre em modo profissional. Tratar de assuntos, trabalhar e deixar de utilizar o cérebro. Era a única coisa que o ajudava. — Aposto que o Alec e a Lana já têm mil e uma tarefas à nossa espera.

— E que têm mesmo de ser feitas *hoje* — acrescentou Trina. — Hoje! Caso contrário, o mundo vai acabar!

Ela sorriu e esse gesto ajudou a aligeirar as coisas. Um pouco, pelo menos.

— Podes continuar a ler esse teu livro enfadonho mais tarde. — Ele pôs-se de pé, puxando-a para cima ao mesmo tempo. Em seguida, começaram a descer o trilho da montanha, caminhando na direção da aldeia improvisada a que chamavam lar.

Mark foi o primeiro a sentir os cheiros. Acontecia sempre que iam à Barraca Central. Vegetação rasteira a apodrecer, carne a ser cozinhada, seiva de pinheiro. Tudo isso à mistura com o odor a queimado que definia o mundo pós-fulgores do Sol. Não era desagradável, apenas inquietante.

Ele e Trina passaram pelos edifícios inclinados e aparentemente construídos à pressão do acampamento. A maior parte das construções desse lado do acampamento tinha sido erguida logo nos primeiros meses, antes de terem encontrado pessoas

que tinham sido arquitetas e construtores civis, e de as terem nomeado responsáveis pela construção. Cabanas feitas com troncos de árvore, lama e pedaços de agulhas de pinheiro. Aberturas a fazer de janelas e portas de entrada com formatos estranhos. Nalguns sítios havia apenas buracos no chão, com o fundo revestido com plásticos, meia dúzia de toros amarrados para os cobrir quando chovesse. Era muito diferente dos arranha-céus imensos e da paisagem de betão onde ele havia crescido.

Alec cumprimentou Mark e Trina com uma resmungadela assim que transpuseram a entrada assimétrica da estrutura de toros da Barraca Central. Antes de terem tempo de dizer olá, Lana acercou-se rapidamente deles com passos largos. Uma mulher corpulenta com o cabelo preto que usava sempre preso num puxo, tinha sido enfermeira no exército e era mais nova do que Alec, mas mais velha do que os pais de Mark — ela e Alec estavam juntos quando Mark os conhecera nos túneis sob a cidade de Nova Iorque. Nessa altura, ambos trabalhavam para o Ministério da Defesa. Alec era chefe dela; nesse dia fatídico iam a caminho de uma reunião qualquer. Antes de tudo ter mudado.

— Onde é que vocês estavam? — perguntou Lana, assim que parou a escassos centímetros do rosto de Mark. — Tínhamos ficado de arrancar ao nascer do dia, em direção ao vale do Sul para procurar mais um local para assentarmos arraial. Mais umas semanas nesta sobrelotação e ainda me passo da cabeça.

— Bom dia — disse Mark, em jeito de resposta. — Hoje parecez mais animada.

Com isso, ela sorriu; Mark sabia que o faria.

— Às vezes tenho a mania de ir logo direito ao assunto, não é? Mas olha que não me passo da cabeça com a mesma facilidade que o Alec.

— O sargento? Sim, nisso tens razão.

Como se tivesse ouvido a deixa, o velho brutamontes resmungou.

— Peço desculpa por termos chegado atrasados — disse Trina. — Eu até podia arranjar uma boa desculpa, mas não há nada como dizer a verdade. O Mark fez-me subir até ao ribeiro e depois nós... vocês sabem.

Era preciso muito para surpreender Mark nos tempos que corriam e ainda mais para o fazer corar, mas Trina conseguia sempre as duas coisas. Ele gaguejou e Lana revirou os olhos.

— Oh, poupem-me... — Lana acenou com a mão e depois acrescentou: — Vão tomar o pequeno-almoço, se ainda não comeram nada, e depois toca a fazer as mochilas para nos por-mos a caminho. Quero estar de volta numa semana, no máximo.

Uma semana no meio do deserto, a ver coisas novas, a apanhar ar fresco... parecia tudo muito bem a Mark, resgatando-lhe o estado de espírito do buraco no qual este tinha caído antes. Jurou concentrar-se no momento enquanto estivessem a viajar e tentar desfrutar do passeio.

— Viram o Darnell e o Sapo? — perguntou Trina. — E a Misty?

— Os Três Estarolas? — respondeu Alec, dando uma espécie de gargalhada. O homem achava piada às coisas mais estranhas. — Pelo menos esses lembraram-se do plano. Já comeram e também já foram fazer as mochilas. Devem estar aí não tarda.

Mark e Trina estavam a meio das suas panquecas com salsicha de veado quando ouviram o som familiar dos outros três amigos que tinham conhecido nos túneis de Nova Iorque.

— Tira isso da cabeça! — disse uma voz lamuriosa, imediatamente antes de um adolescente surgir à porta com um par de cuecas enfiado por cima do cabelo castanho, como se fosse um chapéu. Darnell. Mark estava convencido de que o miúdo nunca levava nada a sério na vida. Mesmo quando o Sol andava a tentar queimá-lo vivo há um ano, ele parecia ter sempre uma piada a jeito.

— Mas eu gosto! — disse ele, ao entrar na Barraca. — Ajuda-me a manter o cabelo penteado e protege-me dos elementos. Dois em um!

Uma rapariga entrou atrás dele, alta e magra, com o cabelo ruivo comprido e um pouco mais nova do que Mark. Chamavam-lhe Misty, embora nunca lhes tivesse dito se esse era o seu nome verdadeiro. Estava a olhar para Darnell com um misto de repugnância e divertimento. O Sapo — baixo e entroncado, tal como a sua alcunha sugeria — entrou de rompante, passou por ela e tentou arrancar as cuecas da cabeça de Darnell.

— Dá cá isso! — gritou ele, saltando para as tentar apanhar. Era o rapaz de dezanove anos mais baixo que Mark alguma vez tinha visto, mas era robusto como um carvalho, cheio de músculos, tendões e veias. O que, por alguma razão, levava os outros a pensar que podiam implicar com ele, porque todos sabiam que podia dar-lhes uma valente tarefa se realmente quisesse. Mas o Sapo gostava de ser o centro das atenções. E Darnell gostava de ser palerma e irritante.

— Mas porque é que havias de *querer* usar essas coisas pavorosas na cabeça? — perguntou-lhe Misty. — Tens noção onde é que andaram, não tens? A cobrir as partes pudibundas do Sapo.

— Bem observado — respondeu Darnell, exibindo uma expressão de repugnância fingida, ao mesmo tempo que o Sapo conseguia finalmente arrancar-lhe as cuecas da cabeça. — Que ideia a minha. — Darnell encolheu os ombros. — Na altura pareceu-me engraçado.

O Sapo estava a enfiar o seu pertence recuperado na mochila.

— Quem ri por último, ri melhor. Há mais de duas semanas que não lavo estas malvadas.

Ele começou a rir-se, um som que lembrava a Mark um cão a brigar por causa de um pedaço de carne. Sempre que o Sapo o fazia, as outras pessoas presentes na mesma divisão não conseguiam evitar rirem-se também, pelo que a tensão desapareceu. Mark continuava sem perceber se estava a rir-se da situação ou dos sons que o Sapo fazia. Fosse como fosse, esses momentos eram poucos e pontuais, e sabia-lhe bem rir-se, assim como também lhe agradava ver o rosto de Trina a iluminar-se.

Até mesmo Alec e Lana estavam a rir-se, o que fez Mark pensar que talvez o seu dia fosse efetivamente ser perfeito.

Mas a risada foi interrompida por um som estranho. Algo que Mark não ouvia há mais de um ano e que não esperara voltar a ouvir.

O som de motores no ar.

CAPÍTULO TRÊS

Tratava-se de um ruído surdo e chiado que fez estremecer a Barraca de cima a baixo. Baforadas de pó entraram por entre os toros empilhados e argamassados à pressa. Um rugido seco passou por cima deles. Mark cobriu os ouvidos até o som esmorecer o suficiente e a Barraca parar de abanar. Alec já estava a dirigir-se para a porta antes mesmo de os outros terem tempo de processar o que estava a acontecer. Lana foi rapidamente no encalço dele, com os outros logo atrás.

Ninguém disse uma palavra até estarem todos lá fora, com o luminoso sol matinal a incidir sobre eles. Mark semicerrou os olhos, protegendo-os da luminosidade com a mão, ao mesmo tempo que perscrutava o céu à procura da origem do ruído.

— É um Berg — anunciou o Sapo, desnecessariamente.
— Mas o que...?

Era a primeira vez que Mark via uma dessas enormes aeronaves desde os fulgores do Sol e a visão era surpreendente. Não lhe ocorria nenhum motivo para que um Berg, dos que tinham sobrevivido ao desastre, aparecesse a voar por entre as montanhas. Mas ali estava ele, grande, brilhante e ruidoso, os propulsores azuis a arderem e a rugirem, enquanto o aparelho começava a descer rumo ao centro do acampamento.

— O que é que estará aqui a fazer? — perguntou Trina, ao mesmo tempo que o pequeno grupo corria por entre os estreitos

becos da aldeia, seguindo o percurso do Berg. — Deixam sempre os mantimentos em acampamentos maiores, como Asheville.

— Se calhar... — começou por dizer Misty. — Se calhar vieram salvar-nos ou algo do género? Para nos levarem para outro lugar?

— Nem penses — respondeu Darnell, em tom de escárnio. — Já o teriam feito há mais tempo.

Mark não disse nada enquanto corria atrás do grupo, ainda meio atordoado com o aparecimento súbito do enorme Berg. Os outros não paravam de fazer referência a uns «eles» misteriosos, apesar de ninguém saber quem eram «eles». Tinha havido sinais e rumores de que estava a formar-se uma espécie de governo central, mas não havia notícias minimamente fidedignas. E muito menos um contacto oficial. Era um facto que a comida e as provisões eram levadas para os acampamentos em torno de Asheville e que as pessoas de lá costumavam partilhá-las com os acampamentos periféricos.

O Berg parou adiante, os propulsores azuis a apontarem agora para baixo enquanto pairava a cerca de quinze metros da Praça Principal, uma zona na forma de um quadrado meio torto que tinha sido deixada desimpedida aquando da construção do acampamento. O grupo correu mais depressa e quando chegou à Praça deparou-se com uma multidão já reunida, as pessoas fitando boquiabertas a máquina voadora como se se tratasse de uma criatura mitológica. Com o seu rugido e a sua exibição deslumbrante de luz azulada, parecia isso mesmo. Em especial depois de tanto tempo desde a última vez que tinham visto quaisquer sinais de tecnologia avançada.

A maior parte da multidão havia-se reunido no meio da Praça, as expressões das pessoas revelando expectativa e entusiasmo. Como se tivessem todas concluído o mesmo que Misty — que o Berg estava ali para as salvar, ou pelo menos para transmitir boas notícias. Mark tinha as suas reservas, contudo. Depois do ano que tivera, aprendera várias vezes a nunca ter muitas esperanças.

Trina puxou-lhe a manga e depois aproximou-se para falar:

— O que é que estará a fazer? Não há aqui espaço suficiente para aterrar.

— Não faço ideia. Não vejo nenhuma marca que indique a quem pertence o Berg ou de onde vem.

Alec estava perto deles e de alguma maneira escutou a conversa por cima do rugido dos propulsores. Provavelmente com a sua audição superpoderosa de soldado.

— Dizem que os Bergs que largam os mantimentos em Asheville têm CPF pintado de lado, em letras grandes. Coligação Pós-Fulgores. — O homem estava praticamente a gritar. — Acho estranho este não ter nada escrito.

Mark encolheu os ombros em jeito de resposta, sem saber se a informação dada por Alec significava realmente alguma coisa. Apercebeu-se de que se sentia meio aturdido. Tornou a olhar para cima, interrogando-se sobre quem poderia estar no interior da aeronave e qual seria o seu propósito. Trina apertou-lhe a mão e ele apertou a dela também. Ambas estavam transpiradas.

— Se calhar é Deus que vem lá dentro — disse o Sapo, numa voz aguda; saía-lhe sempre assim quando gritava. — Veio pedir desculpa por causa daquela coisa dos fulgores do Sol.

Pelo canto do olho, Mark viu Darnell a respirar fundo e a abrir a boca, provavelmente para responder algo contundente ou engraçado ao Sapo. Mas esse gesto foi interrompido por um ruído lancinante vindo de cima, seguido de um rangido e de um guincho hidráulico. Mark observou, fascinado, enquanto um amplo alçapão em forma de quadrado começava a abrir-se na base do Berg, articulado de modo a descer como uma rampa. O interior estava escuro e pequenos fios de névoa emergiram da abertura, enquanto esta ia aumentando.

Arquejos e gritos brotaram da multidão; levantaram-se mãos e dedos apontaram para cima. Mark desviou o olhar do Berg por uns instantes para ver o que se passava à sua volta, espantado com o sentimento de reverência que o rodeava. Essas pessoas haviam-se tornado completamente desesperadas, vivendo cada dia com a sensação penosa de que o próximo poderia ser o último. E ali estavam todas, a olhar para o céu como se a piada do Sapo fosse mais do que somente uma piada. Percebia-se uma ânsia em muitos dos olhares que ele via, como se as pessoas

pensassem realmente que estavam a ser resgatadas por algum poder divino. Mark sentiu-se ligeiramente nauseado com essa constatação.

Uma nova onda de arquejos varreu a Praça e Mark obrigou-se a voltar novamente o olhar para cima. Cinco pessoas haviam emergido da escuridão do Berg, envergando uma vestimenta que provocou um calafrio a Mark. Verde, feita de borracha e volumosa — fatos inteiros que cobriam os estranhos da cabeça aos pés. Os fatos tinham uns visores transparentes na zona da cabeça, por onde as pessoas que os usavam podiam espreitar, mas o brilho e a distância impediam Mark de vislumbrar os rostos delas. Caminhavam cautelosamente com umas botas pretas enormes usadas por cima do material verde, até as cinco figuras ficarem posicionadas junto ao rebordo exterior da porta de carga abaixada, a linguagem corporal tensa delas revelando o esforço necessário para manterem o equilíbrio.

Todas seguravam um tubo preto na mão, como se fosse uma arma.

Porém, os tubos não se pareciam com nenhuma arma que Mark tinha visto. Eram compridos e esguios, com um acessório na ponta que os fazia parecer peças de canalização que alguém havia arrancado de uma bomba de água industrial. E assim que os estranhos assumiram as posições deles, ergueram essa espécie de tubos e apontaram-nos diretamente para as pessoas cá em baixo.

Mark apercebeu-se de que Alec estava a gritar a plenos pulmões, empurrando as pessoas para as afastar dali. Tudo à volta deles irrompia num caos — gritos e pânico —, contudo Mark encontrava-se numa espécie de transe, vendo os estranhos com as suas curiosas indumentárias e as armas ameaçadoras emergirem do Berg, ao mesmo tempo que toda a gente acordava finalmente para o facto de que aquelas pessoas não estavam ali para resgatar ninguém. O que é que tinha acontecido ao Mark que costumava agir com rapidez? Que sobrevivera ao ano infernal após os fulgores terem dizimado a Terra?

Continuava especado, a observar, quando o primeiro disparo surgiu lá de cima. Uma mancha de movimento, um breve clarão

de uma coisa escura, pequena e rápida a sair disparada de um dos tubos. Mark seguiu a sua trajetória com o olhar. Ouviu um baque repulsivo e virou a cabeça para o lado a tempo de ver que Darnell tinha uma seta com 13 centímetros espetada no ombro, a ponta fina de metal cravada bem fundo no músculo. Sangue começou a escorrer-lhe do ferimento. O rapaz proferiu um som estranho e caiu redondo no chão.

Isso acabou por fazer despertar Mark.

CAPÍTULO QUATRO

Gritos ecoaram no ar, ao mesmo tempo que pessoas em pânico fugiam em todas as direções. Mark baixou-se e agarrou em Darnell, enfiando os cotovelos por baixo dos braços do rapaz. O som das setas que voavam pelos ares à sua volta, de encontro aos respetivos alvos, apressou-o, dissipando-lhe qualquer pensamento da cabeça.

Mark puxou Darnell, arrastando o corpo dele pelo chão. Trina tinha caído, mas Lana estava a ajudá-la a levantar-se. Ambas correram para o ajudar, cada uma pegando num pé de Darnell. Com queixumes sincronizados, ergueram-no e afastaram-se da Praça, para longe do espaço aberto. Era um milagre mais ninguém do pequeno grupo deles ter sido atingido com uma seta.

Vum, vum, vum. Tum, tum, tum. Gritos e corpos a caírem.

Os projéteis continuavam a surgir, caindo em redor deles, e Mark, Trina e Lana caminharam o mais depressa que conseguiram, transportando desajeitadamente Darnell entre os três. Passaram por trás de um grupo de árvores — Mark ouviu uns baques fortes ao mesmo tempo que as setas se cravavam nos ramos e nos troncos — e depois estavam novamente num espaço aberto. Atravessaram rapidamente uma pequena clareira e entraram num beco entre uma série de cabanas de madeira construídas com pouca segurança. Havia pessoas por todo o lado, a baterem às portas em desespero, a entrarem por janelas abertas.

Então Mark ouviu o rugido dos propulsores e um vento quente soprou-lhe no rosto. O rugido aumentou de volume, o vento tornou-se mais forte. Ergueu o olhar na direção do ruído e viu que o Berg tinha mudado de posição, seguindo atrás da multidão em debandada. Viu o Sapo e Misty. Estavam a instigar as pessoas a correr mais depressa, os seus gritos a perderem-se no ruído do Berg.

Mark não sabia o que fazer. Encontrar um refúgio era a melhor opção, mas havia demasiadas pessoas a tentarem fazer o mesmo e juntarem-se ao caos com Darnell ao colo apenas iria fazer com que fossem abalroados. O Berg pairou de novo e mais uma vez os estranhos com os fatos esquisitos ergueram as armas e abriram fogo.

Vum, vum, vum. Tum, tum, tum.

Uma seta passou de raspão na camisa de Mark e foi cair no chão; alguém a pisou, enterrando-a mais no solo. Outra seta atingiu o pescoço de um homem por quem ele passou a correr — o homem gritou e atirou-se para a frente, ao mesmo tempo que sangue esguichava da ferida. Quando caiu no chão ficou estendido e três homens tropeçaram nele. Mark só se apercebeu de que tinha parado, chocado com o que estava a acontecer à sua volta, quando Lana lhe gritou para continuar a correr.

Os atiradores por cima deles tinham claramente melhorado a pontaria. As setas atingiam pessoas em todas as direções e o ar estava cheio de gritos de dor e de terror. Mark sentia-se completamente impotente — não havia forma de se proteger dos projéteis. A única coisa que podia fazer era tentar ser mais rápido do que uma máquina voadora, uma tarefa impossível.

Onde é que estava Alec? O tipo valentão com o instinto de combate? Para onde é que ele tinha fugido?

Mark continuou em frente, puxando o corpo de Darnell com ele, forçando Trina e Lana a acompanharem a sua velocidade. O Sapo e Misty corriam ao lado deles, tentando ajudar sem se porem no caminho. As setas continuavam a chover do céu, mais gritos, mais corpos a caírem. Mark dobrou uma esquina e desceu um beco que conduzia de regresso à Barraca, mantendo-se junto ao edifício à direita para sua proteção

parcial. Poucas pessoas tinham vindo na mesma direção e havia ainda menos setas das quais fugirem.

O pequeno grupo correu o mais rápido que conseguia a transportar o amigo inconsciente. Nessa zona do acampamento, as estruturas tinham sido construídas praticamente encavalitadas umas nas outras e não havia nenhum espaço para cortar caminho e escapar para os bosques circundantes das montanhas.

— Estamos quase na Barraca! — gritou Trina. — Despaquem-se, antes que o Berg volte a apanhar-nos!

Mark rodou o corpo de maneira a ficar virado de frente, segurando Darnell pela camisa atrás de si. Correr ao contrário tinha-lhe forçado os músculos das pernas ao máximo; ardiam-lhe e começavam a ter câibras. Agora não havia nada no caminho para os atrasar, pelo que Mark acelerou o passo, com Lana e Trina a acompanharem-no, cada uma a segurar uma perna de Darnell. O Sapo e Misty aproximaram-se e cada um pegou num braço, suportando uma parte do peso. Esgueiraram-se por entre becos e caminhos estreitos, por cima de raízes protuberantes e terra comprimida, virando à esquerda, à direita e depois novamente à esquerda. O rugido do Berg vinha algures da direita deles, abafado pelas casas e fileiras de árvores no meio.

Por fim, Mark dobrou uma esquina e viu a Barraca do outro lado de uma pequena clareira. Preparou-se para uma última corrida em direção à construção, no preciso instante em que uma pequena multidão surgia do outro lado, descontrolada e desnorteada, espalhando-se em todas as direções rumo a todas as portas à vista. Ele deteve-se no momento em que o Berg surgiu por cima deles, mais perto do solo do que Mark alguma vez o tinha visto. Já só havia três pessoas posicionadas na porta de carga da aeronave, mas abriram fogo assim que o Berg estabilizou em suspensão.

Pequenas listras prateadas voaram pelos ares, caindo em cima das pessoas que invadiam a clareira. Cada projétil parecia encontrar o seu alvo, cravando-se nos pescoços e nos braços de homens, mulheres e crianças. Estes gritavam e caíam encolhidos no chão quase de imediato, outros tropeçavam nos corpos deles na tentativa tresloucada de procurarem abrigo.

Mark e o seu pequeno grupo encostaram-se à lateral do edifício mais próximo e pousaram Darnell no chão. A dor e o cansaço tomaram conta dos braços e das pernas de Mark, fazendo-o querer atirar-se para o chão ao lado do amigo inconsciente.

— Devíamos tê-lo deixado lá atrás — disse Trina, com as mãos apoiadas nos joelhos, tentando recuperar o fôlego. — Atrassou-nos e não alterou em nada o estado dele.

— Pode muito bem estar morto — resmungou a voz do Sapo.

Mark ergueu um olhar severo para ele — mas o homem podia ter razão. Podiam muito bem ter posto as suas vidas em perigo para salvar alguém que talvez não tivesse qualquer hipótese de sobreviver.

— E agora? — perguntou Lana, aproximando-se da esquina do edifício para espreitar a clareira. Depois olhou por cima do ombro para eles. — Estão a despachar pessoas a torto e a direito. Porque é que estarão a utilizar setas em vez de balas?

— Não faz sentido nenhum — respondeu Mark.

— Não podemos *fazer* nada? — indagou Trina, o corpo dela a tremer mais de frustração do que de medo. — Porque é que estamos a permitir que estas pessoas façam isto?

Mark aproximou-se de Lana e espreitou com ela. A clareira estava agora coberta de corpos, as setas espetadas apontadas para o céu, qual floresta em miniatura. O Berg continuava a planar lá em cima, os propulsores libertando chamas azuladas.

— Onde é que estão os nossos seguranças? — sussurrou Mark para ninguém em particular. — Tiraram o dia de folga ou quê?

Ninguém respondeu, mas um movimento junto à porta da Barraca chamou a atenção de Mark e ele suspirou de alívio. Tratava-se de Alec, a acenar como um louco, chamando-os para irem ter com ele. O homem segurava o que pareciam ser duas enormes espingardas com arpões nas extremidades, presas a cordas enroladas.

Sempre em modo de soldado — mesmo ao fim de tantos anos —, o homem tinha um plano e precisava de ajuda. Iria lutar contra aqueles monstros. E Mark também.

Mark afastou-se da parede e olhou à sua volta. Viu um pedaço de madeira do outro lado do beco. Sem explicar aos outros o que estava a fazer, correu a buscá-lo, depois fez um *sprint* até à clareira, em direção à Barraca e a Alec, usando a tábua como escudo.

Mark não precisava de olhar para cima — ouvia o som distinto das setas dirigidas a si. Ouviu o baque forte de uma delas a cravar-se na madeira. Continuou a correr.